

# Aspectos pedagógicos da musicoterapia nas deficiências

Elizabeth Silveira Castro Baptista de Souza\*

## INTRODUÇÃO

Trabalho com música em deficiência desde que, providencialmente, fui conduzida a isso, anos atrás. Levada pela curiosidade, eu fazia um curso sobre *Os Recursos Pedagógicos na Musicoterapia*, em Belo Horizonte, quando minha professora me convidou a visitar, com ela, uma escola especial onde ela trabalhava com adultos portadores de várias síndromes de isolamento. Veio, em seguida, um segundo convite, de que não pude declinar: acompanhá-la, como pianista, ali. Fui. E amei as possibilidades de uso da música com aquelas pessoas, que percebi carentes dos estímulos musicais e receptivas a eles. Era, na época, um campo de trabalho praticamente inexplorado, totalmente diverso de tudo que eu já conhecera. Desde aquele momento, a Musicoterapia, por me desafiar, me conquistou, mudando a minha vida. Bem rápido enxerguei naquela ocupação a oportunidade ideal para dar um novo uso à música que sempre fizera, desde as minhas origens de professora de teoria musical, de piano e canto, de Educação Musical específica para curso de magistério. Eu fundara e ainda dirigia, na época, uma escola municipal de música, em Formiga, no interior de Minas.

A experimentação me conduziu de minhas antigas condutas pedagógicas a outros procedimentos sonoros e musicais, condizentes com a nova e instigante realidade que o campo de trabalho musicoterapêutico exigia. Por seu objetivo, mais amplo, ainda que específico – o de conduzir determinadas pessoas, à margem da vida por não conseguirem captá-la na sua integridade, a uma forma pessoal de integração, através de recursos vibracionais e sonoros.

Eu percebia incríveis mudanças sendo operadas naqueles indivíduos, a cada novo estímulo sonoro contido nas atividades musicoterapêuticas. Motivados, a cada novo encontro semanal, era notável como se moviam rumo à integração ao mundo externo. À medida que sua sociabilidade despertava, adquiriam uma cota de equilíbrio emocional que os disponibilizava a outros desafios. E se fortaleciam. A maior parte deles respondia muito bem aos toques do teclado e aos cantos. Cada um, a seu modo, ia reagindo às vibrações, aos sons, aos ruídos ou ao silêncio sugeridos e organizados por nós.

Aquelas confraternizações musicais, porém, não atingiam com a mesma intensidade alguns deles, mais limitados pelo isolamento. Estes exigiram que arquitetás-

---

\*Musicista, educadora musical e musicoterapeuta  
Professora de Educação Musical e Artística para 1º e 2º graus  
bethmusicoterapeuta@terra.com.br

semos novas condutas, de caráter sensorial, que extrapolassem a audição ou que a substituíssem. Um desses casos, o de um portador da Síndrome charge, cujo desafio maior era surdez associada a cegueira, eu o relatei no livro: A surdez associada a outros comprometimentos: um desafio para a Educação, a ser lançado proximoamente pelo INES.

### **A estimulação sensorial abrindo novos caminhos**

É sabido que um déficit sensorial, especialmente nas áreas da audição e da visão, em geral diminui, impede ou compromete a compreensão do mundo e a interação com ele. A pessoa portadora de qualquer deficiência, frente a barreiras que lhe tolham a ação, tende a isolar-se. Desse isolamento podem advir perdas importantes. A do desenvolvimento intelectual é a mais significativa.

Pode acontecer que uma pessoa, em sua deficiência, observe-se incapaz de obter resultados, que sabe serem decorrentes de uma produtividade real para a qual se sente despreparada. Por lhe faltarem possibilidades físicas, psicológicas ou intelectuais, a pessoa não é solicitada nem estimulada a compartilhar do processo vital. O seu isolamento pode ter início aí, lamentavelmente. À parte, num mundo pequeno e avesso à expansão, tem a dependência como situação constrangedora que a deixa à margem da vida e de outros campos de trabalho e atuação, onde poderia ser útil e feliz.

### **A redescoberta do mundo**

A possibilidade real de inserção de pessoas com deficiências, na vida comum, na escola, no mercado de trabalho, na sociedade, é algo preocupante. Acredito, entretanto, que se, por meio de um processo educativo especial, elas desenvolverem uma percepção sensorial mais abrangente do mundo circundante, redescobrirão a vida, através dos “insights” que hão de ocorrer.

Suas descobertas pessoais, pelos estímulos artísticos, num processo educativo sistematizado, poderão despertar e trabalhar nelas um potencial comunicativo diferenciado e peculiar. Por mais que pareçam pobres suas possibilidades de integração e ação, elas serão capazes de elaborar formas pessoais de comunicação com o mundo, quando motivadas a se comunicar com ele (e aproveitadas, em seu verdadeiro potencial). Resta-nos dar-lhes essa oportunidade.

### **A comunicação artística: integrando o indivíduo à sociedade**

A pesquisa do potencial comunicativo inexplorado é parte de um processo pedagógico dual, entre o portador de deficiência e os responsáveis por sua educação. Daí pode-se abrir caminho a ele para uma atuação efetiva na sociedade humana, dentro da sua verdade. O exercício da comunicação promoveria essa integração, naturalmente.

A ferramenta para o exercício dessa integração pode ser a arte, que trabalha a

criatividade e a sensibilidade com recursos naturais, encontrados no corpo, na mente, no coração de cada um; que oportuniza outras formas de comunicação e expressão, além da fala e do gesto formalizados.

A sensibilidade natural, despertada e estimulada pela vivência artística, faculta ao portador de deficiência entender as sugestões artísticas direcionadas a ele. Também lhe proporciona elaborar uma linguagem pessoal de resposta a elas. Ele poderá desenvolver, a partir daí, questionamentos e sugestões que o levem a se conhecer e às suas possibilidades adormecidas ou não-convencionais e a tirar partido disso.

Reconhecer-se capaz de colher respostas do mundo, de se nutrir com seus conteúdos, de reelaborar tais conteúdos e de reenviá-los à sua origem deve ser a alegria maior para quem estava, até ali, fora do contexto comunicativo. Isto lhe será muito enriquecedor. Sua mensagem, expressão do seu ser, estará embutida nas suas expressões artísticas, sejam elas quais forem. Dirá dele quem ele for e o que sentir, constituindo-se a sua forma artística pessoal de comunicação. Em resumo, ele terá estabelecido o seu diálogo com o mundo.

As respostas é que lhe mostrarão se sua forma de linguagem foi compreendida e aceita pelos demais. Algo cobiçado por ele e almejado por quem o orientar, por serem as resultantes desse seu ritual de entrada no mundo, de crescimento pessoal e social.

A expectativa de quem trabalha com o deficiente é a de que ele encontre forças para caminhar e descobrir, no mundo, o lugar que lhe for destinado, dentro de suas possibilidades e limitações. E a comunicação é o começo.

### **Decorrências das mudanças**

Espera-se que esse novo sentir e novo posicionamento lhe demonstrem e comprovem a validade de suas iniciativas e de suas ações. Que promovam e gerenciem nele os comportamentos recentemente adotados. Que o motivem a ter seu próprio caminho e planos para essa caminhada, como qualquer outro membro ativo da sociedade humana.

Estimulado a encarar suas limitações como desafio, com naturalidade e utilizando-se das potencialidades recém descobertas, a partir desse primeiro passo, espera-se que esse indivíduo passe a elaborar suas próprias estratégias de sobrevivência, através da comunicação estabelecida entre ele e os outros. E que vá, aos poucos, se superando, crescendo, podendo mesmo se surpreender com a capacidade descoberta de ser independente. E de produzir frutos.

### **Como e quando estimular?**

Os procedimentos de estimulação podem partir da palavra, da cor, do som ou do gesto. Importante é que partam da curiosidade e experimentação do indivíduo com quem se trabalhe, a partir da arte. Esse processo independe de teorizações ou métodos. Nasce e toma corpo a partir da observação do momento vivido por esse indivíduo, do tipo e do grau de interação dele com seu grupo social.

A exploração diferenciada do mundo começa pelo grau de interesse que essa

atividade-pesquisa proporcione ao indivíduo. Elaborar e estruturar novos comportamentos e condutas nele depende da observação do profissional quanto às posturas atuais e anteriores desse indivíduo, em sua verdade e deficiência. Pelo visto, este é trabalho pedagógico, mas é também um ato de amor. Há o momento oportuno a ser respeitado nele, para o qual haverá o toque e a resposta ideais. Resta observar e perseverar.

Mas vale a pena esse propósito e esse esforço, pois o processo de construção pode fazer desse indivíduo em deficiência alguém otimista e feliz. Ainda que continue convivendo com a limitação que o caracteriza, ele poderá senti-la como uma característica própria, simplesmente. E se alegrará consigo mesmo pela coragem no enfrentamento dessa limitação.

Estimular um deficiente é levá-lo a se intrometer num mundo que lhe parece hostil ou perigoso, por não ter sobre ele maiores referências de imagens ou sons. É um desafio dos grandes. Mas, ao mesmo tempo, pode ser algo positivo, que o leve a crescer em todas as áreas, igualando-o, como cidadão do mundo, aos demais.

### **Nem tudo é palavra ou som, forma ou cor**

As formas convencionais de comunicar centram-se na *palavra* e na *imagem*, ferramentas primeiras e indispensáveis para a aglutinação social. Elas são facilitadoras poderosas que a humanidade elaborou para seus propósitos e sua sobrevivência grupal. Mas não estão disponíveis a todos. A um deficiente auditivo ou visual o maior desafio talvez seja participar efetivamente da vida, através dos contatos que consiga estabelecer com ela, por não portar *imagem* ou *som* (ou ambos...). Se, apesar disso, ele puder expressar-se e ser entendido, estará rompendo barreiras e conseguindo chegar-se ao seu propósito comunicativo. Será um vencedor a mais, num mundo que respeita os vencedores.

Para sentir e reconhecer o mundo externo, muitas vezes o deficiente será estimulado a usar das *sensações vibracionais*, que lhe são mais familiares. Impedido de ver ou de ouvir os estímulos do mundo, na sua integridade, este será o seu maior trunfo. O mundo é vibração. Somos, todos, produtos de seus efeitos. Essas sensações poderão iniciá-lo no processo construtivo de formas pessoais de comunicação.

Atendendo e reagindo aos apelos vibracionais, ele compreenderá o mundo sinestésicamente. E este não lhe parecerá hostil. Em sua deficiência, poderá abrir novos caminhos dentro do que apreender do externo, que lhe é negado em sua totalidade, fazendo uma representação tátil, vibracional, do mundo, das pessoas, dos objetos, dos movimentos, dos sons, das cores, das formas etc.

Sua pele lhe dirá muito desse mundo, imperceptível aos que independem de estímulos tão sutis, mas que é bem real e verdadeiro para quem substitui outros estímulos pelo tato. Para o deficiente auditivo e /ou visual, quando já preparado a se comunicar e a sentir o mundo através do tato, este recurso é a maior ferramenta no trabalho de reconstrução de um novo e saudável psiquismo.

O tato, assim como a visão e a audição, tem diferentes gradações e tonalidades. Transmitirá, tanto ao deficiente visual quanto ao auditivo, sensações substitutivas destes dois sentidos – visão e audição –, capacitando-os a elaborar, a partir de um trabalho

sinestésico, ao mesmo tempo artístico e pedagógico, seus códigos particulares de percepção do mundo e de comunicação com ele.

O processo de elaboração da linguagem, para tais deficientes, se iniciará, pois, pela expressão artística sinestésica. Nisso, a música, por suas cadências, seus compassos, pulsações rítmicas e investimento nas vibrações específicas de cada som musical (um número determinado, fixo, para cada um deles), é muito útil e oportuna. Os estímulos sonoros são essencialmente vibratórios. E variadíssimos.

A música vai além do sonoro ou do essencialmente visual, pela possibilidade de improvisação que permite. Insinua-se, como um diálogo diferente. É fácil estreitar laços, também, com o deficiente, com o concurso da música. Resta saber como utilizar seus conteúdos de forma específica e terapêutica, já que ela estimula especialmente o hemisfério esquerdo do cérebro, responsável pelas emoções. A linguagem oral, ao contrário, é processada do lado direito, racional.

Essas possibilidades percebidas no uso não-convencional da música têm levado profissionais da área terapêutica e pedagógica a considerá-las em seu trabalho como um recurso a mais, como um veículo de interação. Com portadores de deficiências e síndromes, principalmente, isto está ocorrendo cada vez mais, pois a música substitui a linguagem formal estruturada e vai além, estimulando e reorganizando. Se utilizados convenientemente por profissionais habilitados, os conteúdos musicais mostram-se terapêuticos. Curam ao estimular funções corporais em desequilíbrio, sendo um recurso poderoso na construção do equilíbrio psicofísico.

Minhas sugestões quanto a isso resultam da experiência de meu trabalho musicoterapêutico e pedagógico no Centro Psicopedagógico (CPP) do Hospital de Neuro Psiquiatria Infantil da FHEMIG, com crianças autistas, na área dos *Transtornos Invasivos de Desenvolvimento* (TID), em Belo Horizonte, MG; no Núcleo de Educação Especial (NUEESP), também em Belo Horizonte, com portadores de necessidades especiais, acometidos por síndromes diversas. Nesses espaços, como em outros campos de trabalho, em outras patologias e situações de conflito, evidenciam-se resultados positivos e reestruturantes com o uso da musicoterapia.

O livro: *Surdez e outros comprometimentos*, a ser lançado em breve pelo INES, trará algumas sugestões pedagógicas e musicoterapêuticas num dos seus capítulos. Ali, relatei um caso de Síndrome charge, um dos maiores desafios já enfrentados em meu trabalho como educadora musical e musicoterapeuta. Além de ampliar e reavaliar, através da música, muitas das minhas colocações sobre isolamento e autismo, esse caso de duplo isolamento (visual e auditivo) comprovou a eficácia dos conteúdos sonoros, musicais e vibracionais na inserção de deficientes no mundo externo.

A partir dessa dupla vivência, iniciada na docência musical e redirecionada para a música de caráter terapêutico, considero aconselhável o uso de elementos vibratórios e sonoromusicais, na adequação social e no desenvolvimento intelectual de indivíduos deficientes, encontrados em extremo isolamento. Resultados otimistas, principalmente em casos de síndromes de isolamento, encaminhados a mim por psiquiatras infantis reconhecidos, como o Dr. Walter Camargos Filho, de Belo Horizonte, e outros, confirmam isso a cada novo caso e me levam a afirmar a validade do uso das sonoridades e das vibrações com esses indivíduos.

Para conseguir resultado gratificante, tanto para o indivíduo deficiente como para

o profissional de música, num contexto pedagógico-terapêutico, considero indispensável que o profissional se disponha a ser devidamente preparado para usar de elementos vibracionais, de música e de som. Que se invista de novos objetivos, mais amplos que o simples ensinar. Que os conteúdos sonoros e rítmicos, introduzidos em seu campo de atividade, lhe possibilitem fazer intervenções sonoromusicais específicas, com objetivos individualizados e grupais. Que os conceitos musicoterapêuticos teóricos e as práticas sonoromusicais mais aconselháveis a cada caso e a cada situação sejam vivenciados através de materiais sonorovibratórios e instrumentos musicais adequados. Que o uso desses materiais se justifique, quando introduzidos no plano de trabalho de cada profissional. Que seja oferecido aos profissionais, ao seu público-alvo, o contato com a música-arte, como estímulo e como reforço cultural.

E ao profissional em questão, algumas sugestões.

Ele mesmo deve ser capacitado a lidar bem com seu corpo e suas emoções. Assim, estará apto a encontrar o saudável dentro da deficiência e da carência. Deve ser capaz de sensibilizar-se com o diferente, para melhor lidar com as necessidades especiais dos deficientes a quem se dedica ensinar. Precisa ser capaz de reconhecer, nas noções básicas teóricas e práticas de Música, as ferramentas a usar com o indivíduo deficiente. Deve ser capaz, também, de reconhecer as afinidades entre as características melódicas, rítmicas e harmônicas da música e de canalizar seu uso diferenciado para atender as características psicofísicas de seus alunos. Deve estar preparado para listar e confeccionar instrumentos de estimulação sonora, personalizados, respeitando o mundo do deficiente e suas necessidades específicas de estimulação e adequação. Com isso, esperam-se resultados ao mesmo tempo mais rápidos e mais abrangentes.

A vivência musical deve ser considerada como um hábito saudável a mais, em toda instituição. Ampliar as possibilidades do ensino da Educação Artística e Musical, levando sua prática a contextos inéditos, terapêuticos e reequilibrantes, e adequando seus conteúdos às deficiências, vai levar mais longe a verdadeira educação dos portadores de deficiências.